

VEM AÍ O INSTITUTO FHC

Um dos projetos mais acalentados pelo presidente já tomou forma e começa a funcionar quando de seu regresso da Europa – o Instituto Fernando Henrique Cardoso. O modelo se baseia em instituições semelhantes, como o Center Jimmy Carter e o Center Kennedy, nos Estados Unidos, e o Centro de Estudos Mário Soares, em Portugal.

Aqui no Brasil, os exemplos mais próximos são o Memorial JK, em Brasília, e o Memorial Sarney, em São Luís. No caso de Fer-

nando Henrique, um grupo de empresários e amigos se cotizaram para a compra de um conjunto de salas da sede do Automóvel Club, na Rua Formosa, diante do Vale do Anhangabaú. É lá que ficará o IFHC.

Mais recursos serão arrecadados para a formação de um

fundo, cujos rendimentos servirão para custear as despesas com pessoal e de manutenção. Mas o presidente esclarece: “Por enquanto, eu não levantei um tostão. O que houve foi essa compra do imóvel por um grupo de pessoas. Não vou receber um tostão do instituto, como está no seu estatuto.

Enquanto eu tiver energia, vou utilizá-lo para fazer reuniões e discussões, sobretudo em duas áreas específicas: políticas públicas e problemas da globalização. Pretendo utilizá-lo” como

um ponto de encontro de políticos, jornalistas, líderes sindicais, empresários, professores e estudantes. Vou ter meu escritório lá, mas não serei empregado do instituto.”

Pela legislação brasileira, os papéis do presidente da República são pessoais, e ele pode dispor deles como quiser,

inclusive vendê-los. Fernando Henrique decidiu doá-los à USP, juntamente com os 10 mil volumes de sua biblioteca e os quadros que ganhou durante o exercício da Presidência. A USP irá geri-los através do IFHC. Ainda está em discussão se, para tanto, a Universidade de São Paulo deve criar uma golden share específica. De qualquer forma, o IFHC já tem sua sede própria, fora do campus da USP.

Fernando Henrique gostou muito da solução dada por Mário Soares para o funcionamento do centro que leva o seu nome, em Lisboa. “Ele fez uma coisa que nos pareceu adequada, com muito apoio do governo e muito apoio privado. Colocou não apenas os seus papéis lá, como também os de várias pessoas. Fez um centro vivo, onde você tem discussões, pequenas publicações e um grupo de professores e estudantes fazendo pesquisas.” O IFHC se espelhará na experiência de Mário Soares. Terá um conselho de cura-

dores, e aí o presidente se inspirou no que fez José Mindlin com sua valiosa biblioteca.

O IFHC, na realidade, será o sucedâneo de algo que Fernando Henrique criou nos anos 70, o Instituto de Estudos Constitucionais. “Nós estamos mudando o nome, dando-lhe uma nova forma jurídica.” A equipe inicial ainda é pequena. Além de Fernando Henrique, participam Eduardo Graef, Juarez Brandão Lopes, Leôncio Martins Rodrigues e Danielle Ardaillon. Os doadores participarão como sócios honorários.

Além dos documentos pessoais e de sua biblioteca, Fernando Henrique doará ao instituto filmes, tapes, vídeos, fitas de áudio, fotos e documentação da mídia. “É um acervo bastante rico, e eu não tenho onde colocar tudo isso”, diz. E mais: vai sugerir a Pedro Malan, Clóvis Carvalho e Gustavo Franco que também coloquem seus papéis lá. “Eles têm muita documentação.” (M.C.J.)

SEDE FOI
COMPRADA
POR AMIGOS E
EMPRESÁRIOS